

LITERATURA EM SALA DE AULA: O ESTÁGIO E AS PERCEPÇÕES DO ENSINO LITERÁRIO

Maria de Fátima da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - ftimasilva65@gmail.com

Resumo: Considerando o ensino de Língua Portuguesa e as diferentes formas de abordagem do docente mediante à sala de aula, estabelecemos como objetivo deste artigo abordar as particularidades e superficialidades, no que tange ao ensino de literatura observados no contexto do estágio supervisionado. Na maioria das vezes o ensino de literatura é feito de maneira sistemática e descontextualizada, chegando a ocasionar uma barreira que precariza o ensino literário. No entanto, é importante lembrar que os PCN de Língua Portuguesa propõem que o processo de ensino - aprendizagem deve integrar teoria e prática, de modo que uma complemente a outra. Dentre os objetivos deste trabalho, visamos identificar a presença de alunos com perfil de leitores no contexto e realidade escolar da rede pública de ensino, analisar a prática docente no ensino médio, e verificar se o método de ensino utilizado em sala de aula contribui para a formação de alunos leitores, que sejam ativos e proficientes. Para a ampliação e o progresso das nossas ideias, contamos com a colaboração teórica de COSSON (2011), dos documentos oficiais como as OCEM (2006) e os PCN (2000), ainda traremos SANTANA (2016), que fala a respeito da formação do professor, as fases da vida profissional, como o ensino pode ser afetado, e retrata a prática pedagógica no ensino de literatura, dentre outros autores como PIMENTA (2011).

Palavras-chave: Estágio, prática escolar, literatura.

INTRODUÇÃO

É no Ensino Médio que os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental são ampliados. Nessa fase do aprendizado a LDB (Art.22) propõe que um dos objetivos da educação básica seja “desenvolver o educando, assegurando-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos estudos superiores”. Quanto a isso, ela também garante e assegura ao discente a obrigatoriedade do ensino de Língua Portuguesa, pois é por meio dela que o indivíduo interage por meio dela. No entanto, essa realidade ainda é precária na educação básica, apesar de os documentos oficiais ressaltarem que o ensino da língua e literatura deve ser realizado de maneira funcional, significativa.

Por esse motivo, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas acerca de como melhorar, aprimorando o ensino da rede pública, que, ainda, não estabeleceu uma sintonia com as novas teorias pedagógicas.

Neste estudo, pretendemos discorrer sobre a forma que é abordada a literatura no ensino médio, partindo do método de ensino utilizado pelo docente, que foi observado durante o Estágio Supervisionado I, do curso de Letras da UEPB, sendo também o primeiro momento de experiência para a formação docente dos estagiários em campo. Nossa análise tende a fazer uma comparação entre a teoria e a prática em sala de aula, e mostrar que apesar de um ensino ainda tradicional, é possível inovar na sala de aula e fazer um trabalho mais focado no texto literário, estimulando nos discentes a leitura de tais tipos de textos.

Durante todo processo nos apoiaremos na observação de 25 (vinte e cinco) aulas de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino, na cidade de Campina Grande (PB), nas séries de 1º e 3º ano (médio). Ao analisar a prática docente, lembramos de aspectos da formação do leitor e algumas reflexões teóricas e metodológicas que viabilizam a literatura e o texto literário como fundamental para o ensino - (OCEM, 2006), (PCN, 2000), (PINHEIRO, 2006) -, e que as ações educativas propostas em sala de aula, por mais que tenham melhorado, ainda insistem em focar mais no historicismo literário, citado na OCEM (2006).

Á princípio, abordaremos como o ensino de Literatura no ensino médio contribui para à formação de leitores literários. Posteriormente, serão apresentadas algumas considerações acerca das aulas de Língua Portuguesa acompanhadas no estágio, evidenciando as práticas e concepções que permeiam esse ensino.



LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR: AS DIFICULDADES DE ABORDAGEM.

Ensinar literatura possibilita a formação de alunos leitores e críticos, aproximando-o da cultura e das expressões artísticas. No entanto, muito tem se questionado a respeito do ensino de literatura no ensino médio. Qual sua funcionalidade? porque ainda existe na grade curricular? O texto literário, segundo Cosson (2006) exerce um papel humanizador, tomando proporções maiores que o papel, influenciando vidas. Todavia, a abordagem utilizada nas salas de aula não colabora para a formação do leitor. Ainda temos um ensino mecânico, focado na gramática tradicional, em que o texto literário é usado apenas como pretexto. Sendo assim, a inserção do literário no contexto escolar, tem sido apenas para análises, memorização de datas e movimentos históricos, e classificação das formas.

A prática da leitura literária proporciona ao alunado benefícios referentes à linguagem: aprender e apreender variados textos e seus contextos, além de capacitá-lo para discernir as diferenças nas linguagens, e apresentá-lo um mundo de novidades através do ato de ler. Quanto a isso COSSON (2011) afirma que:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada e mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação dos outros em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2011, p. 17)

Quando falamos no ensino de língua portuguesa vem à mente, língua e literatura abordadas de formas distintas. A educação escolar deve recuperar sua unidade através de uma perspectiva integradora. É dessa integração que surgirão novos projetos de ensino. Uma prática que envolva língua e literatura em um mesmo contexto possibilita um aprendizado satisfatório, pois estimula o raciocínio.

Quanto as aulas de literatura, é um tanto estranho notar que no ensino médio o gosto pela leitura cai consideravelmente, em relação ao fundamental. Considera-se que alguns aspectos negativos têm

influenciado nesse sentido. Por exemplo, ainda se trabalha as escolas literárias de forma mecânica, ainda se foca mais na parte estética de um texto do que nas suas possíveis subjetividades e interpretações. Essa forma de ensino acaba por se tornar inadequado, pois os alunos apenas memorizam os movimentos literários (quando memorizam), e fazem as atividades por obrigação e não por vontade, e isso é desestimulante. E para reforçar essa ideia de inadequação nas aulas, a OCEM (2008, p.54) afirma que “não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, características de escolas literárias, estilos, etc.

ENTRE TEORIA E PRÁTICA: AULAS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

O estágio supervisionado em licenciatura é obrigatório e caracteriza-se como a primeira experiência dos discentes, pois até o momento os alunos tem um conhecimento apenas parcial que não dá conta da complexidade do cotidiano escolar, as teorias é o que nos reporta a realidade de uma sala de aula. No entanto, é durante essa etapa do processo de formação que o graduando tem o primeiro contato com a real situação e poderá contrapor tudo aquilo que se aprendeu na graduação.

Quando falamos em teoria e prática no contexto escolar, surgem muitas questões. Apesar de todo um trabalho que tem sido realizado no ensino de língua e literatura, ainda temos um longo caminho a trilhar no que diz respeito a sua integração. Ambas tem sido abordada em sala de aula separadamente, ou quando se tenta articula-las, os textos literários servem apenas como pretexto para o ensino da gramática tradicional e normativa. Quanto a isso, os PCN de Língua Portuguesa (2000) afirmam que:

A disciplina da LDB número nº 5.692/71 vinha dicotomizada em língua e literatura (com ênfase na literatura brasileira), a divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. [...]

No entanto, muitas reflexões e estudos estão sendo voltadas para essa questão, e novas propostas de ensino são lançadas, com o objetivo de uma abordagem mais ampliada. Conforme afirma Santana (2016), durante o estágio, o aluno que está se formando tem a oportunidade de observar, debater, mediar e comparar a teoria e a prática; e não apenas reproduzir o que vê, mas refazer os planos metodológicos, adaptando-os a realidade atual da sala de aula (que muda todos os dias).

Além de proporcionar esse encontro entre a teoria e a realidade escolar, o estágio também proporciona uma parcela na formação da identidade profissional do professor, como afirma Pimenta (2011, p.61):

O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente.

Em nossa experiência de estágio pudemos notar que as aulas de literatura têm sido dadas e com muita frequência. Esse é um dado positivo. No entanto, como ensinar literatura sem focar apenas nas características estéticas do texto?! O texto literário abrange e articula vários elementos pragmáticos e semânticos necessários para uma infinidade de interpretações e suposições que podem ser exploradas pelo aluno, basta o professor saber guiar – lo.

Partindo para a análise das aulas de literatura monitoradas durante o estágio, percebeu-se que o docente abordou, no 1º ano, os gêneros literários e as funções da linguagem, ao passo que, no 3º ano, foi trabalhado as escolas literárias como o Pré-modernismo, Simbolismo e Realismo. É relevante salientar a dificuldade do docente frente as imposições curriculares que a escola exige que seja cumprida. Deste modo, observamos que o historicismo literário é quem impõe o que será considerado nas aulas de literatura, e quando se tem uma abordagem “diferente” como o uso de um poema, por exemplo, nota-se que há uma concentração maior nos seus aspectos estéticos.

De acordo com as observações feitas em sala, pudemos notar aspectos positivos nas atividades propostas pelo docente. Uma delas foi trabalhar com o poema “Versos íntimos”, de Augusto dos Anjos, a partir de uma leitura compartilhada para introduzir os períodos do Pré-modernismo e modernismo. Notamos ainda, que o professor atentou em levar a obra impressa para que os alunos tivessem contato com o texto impresso, possibilitando a reflexão de que é necessário o acesso a obra literária para que o leitor interaja com o texto.



Ao termino da leitura, houve uma discussão em sala, envolvendo interpretação de texto e discutiu - se a intertextualidade com outros textos literários. Dessa forma, o professor está estimulando o raciocínio do aluno e considerando várias opiniões diferentes, ou seja, respeitando a subjetividade do texto. Quanto a isso, Jouve (2013, p. 53) diz que o texto atinge graus de subjetividade quando o leitor se apropria dele. E durante essa apropriação são considerados aspectos além do linguístico, e cada leitor se projeta naquilo que lê. É preciso aproximar a leitura literária dos textos do ensino da literatura, de modo que este se configure na própria experiência de ler, articulando a vida do aluno, seus saberes e cultura, ao universo do livro, processo, inclusive, mediado também pelos saberes escolares. Além disso, outro aspecto positivo é que o professor cumpriu um importante papel, o de mediador, orientando na construção dos diversos pontos de vista do texto.

Para finalizar, o docente partiu para os aspectos estilísticos do texto, bem como as características da escola literária ao qual o texto pertence. Essa forma de abordagem é apoiada por Pinheiro (2006, p.112): “e o mais importante: partir das obras para, quando necessário, trazer o contexto, traços gerais da literatura na época em que a obra foi escrita”.

Desse modo, notamos que o professor, apesar de todos os empecilhos, objetiva executar aulas que sigam os critérios solicitados pelos PCN e pelas OCEM, de que o ensino precisa desenvolver no aluno o senso crítico, e um leitor ativo e capaz de interagir com os mais diversos textos. Isso vai além das regras gramaticais, do ensino da gramática e dos aspectos dos movimentos literários.

No entanto, também notamos alguns aspectos negativos quanto a outras aulas. Em uma das turmas de 3º ano ao abordar os movimentos literários, a aula se deu de maneira totalmente mecânica, pois não se observou interesse tanto do docente quanto dos alunos, pois a turma estava totalmente dispersa e sem prestar atenção na aula. Nesse e em outros momentos notamos a falta de compromisso do docente para com o seu trabalho, pois o mesmo alegava que não estava se importando com a turma.

A docente que acompanhamos está em fase final da carreira, estando por mais de três décadas em sala de aula, prestes a se aposentar. Mas o que nos chamou atenção foi o descaso demonstrado por ela quanto aos alunos e as aulas. Talvez pelo cansaço da idade ou problemas de saúde, ela estivesse desestimulada. Para tentarmos entender melhor a situação recorreremos a Huberman (1995). Ele fala sobre o ciclo normativo da vida profissional do professor, considerando que sejam seis fases e

analisando os fatos, podemos indicar que a professora está na fase que Huberman (1995) conceitua como a fase de desinvestimento. Isso acontece quando o profissional não se importa mais com o trabalho nem com os alunos, as aulas passam então a serem feitas apenas para cumprimento de ofício. Seu único investimento agora é só com ele e com sua vida pessoal, sem murmurar, nem chamar atenção dos alunos para a aula, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, observamos que apesar do esforço do docente, o ensino da literatura está tangenciado por uma crise, que é ocasionada por estratégias de ensino que não proporcionam o encontro do aluno com as obras de forma completa e significativa. Ou seja, textos são levados com o intuito de ensinar características de Escolas Literárias, quando o adequado seria trabalhar com as obras e os gêneros literários. O estudo dessa disciplina, em algumas escolas, ainda caminha segundo a perspectiva de que os estudos literários devem levar o aluno a conhecer, de forma passiva, aquilo que os “bons” escritores escreveram ao longo da história de nossa cultura. Apesar de haver, de fato, práticas docentes problemáticas, há experiências com a literatura que foge dessas ações classificatórias e impositivas. No nosso estágio supervisionado, por exemplo, evidenciamos que o texto literário, ainda não rompe com o ensino tradicional pois há muitas lacunas, e talvez falte a teoria para complementar a prática. Podemos também observar o quão ainda precisamos reformular e desenvolver novos métodos de ensino.

A prática ainda persiste em separar língua e literatura em campos diferentes, como se um não estivesse interligado ao outro. Por fim, ressaltamos que é preciso promover o ensino da literatura focalizando a obra a partir de uma leitura interativa de modo a propiciar a formação de leitores, e não somente enquanto retratos históricos e com propósito de responder a questionários. Assim, o docente torna-se responsável em despertar no aluno o gosto pela literatura, fazendo da leitura literária um exercício de prazer e não uma obrigação. Em resumo, é preciso pôr em prática o letramento literário, tirando-o da condição de mero discurso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério de Educação, 1997.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

HUBERMAN, A. M. O ciclo de ida profissional dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antônio. Vida de professores. 2. ed. Porto/PT: Porto. (Coleção Ciências da Educação). 1995.

JOUBE, Vicent. Org. A. Roxel, Gerard Langlade. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. Tradução de Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Alameda, 2013.

KLEIMAN, Angela; **MENDONÇA,** Márcia (et al). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

LIMA, Maria Socorro Lucena; **PIMENTA,** Selma Garrido. Estágio e docência. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de português. IN: **BUNZEN,** Clécio;

SANT'ANA, Tatiana Fernandes. A formação inicial do professor e os seus primeiros anos de atuação. A (re)construção da identidade docente no percurso estagiária → professora iniciante de língua portuguesa. 2016. 189f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p. 21 - 39 (inédita).